



AULAS REMOTAS DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO PARANÁ EM 2020: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

REMOTE VISUAL ARTS CLASSES IN BASIC EDUCATION IN THE STATE EDUCATION NETWORK OF PARANÁ IN 2020: CHALLENGES AND POSSIBILITIES

Desiré Luciane Dominschek
Fernanda Ribas Mira Ferreira

RESUMO: A pesquisa visa abordar os reflexos no processo ensino aprendizagem nas aulas de artes visuais, no ano 2020 e as possíveis consequências em futuras políticas educacionais. Bem como refletir sob o olhar docente sobre as dificuldades enfrentadas no processo ensino aprendizagem, entender as tensões vivenciadas pelos professores nas aulas remotas no ano de 2020 e quais suas perspectivas quando as aulas retornarem ao modo presencial. Nosso objetivo é propiciar a reflexão sobre referências teóricas e práticas do campo do ensino de artes visuais a partir das experiências na pandemia, analisar os resultados obtidos a partir das entrevistas semiestruturadas com o grupo de pesquisa e por fim, propor soluções com uso de tecnologia em um novo curso de extensão universitário. Como referencial teórico citamos como essencial para nossa pesquisa, Ana Mae Barbosa (2001), Fernando Hernandez, Saviani (1996). Como recorte metodológico consideramos a pesquisa bibliográfica e documental, com apoio de uma pesquisa de campo.

Palavras-chave: Artes Visuais; Educação; Pandemia 2020

ABSTRACT: The research aims to address the reflections on the teaching-learning process in visual arts classes, in the year 2020, and the possible consequences for future educational policies. As well as reflecting from the teaching perspective on the difficulties faced in the teaching-learning process, understanding the tensions experienced by teachers in remote classes in 2020 and what their perspectives are when classes return to face-to-face mode. Our goal is to encourage reflection on theoretical and practical references in the field of teaching visual arts based on experiences during the pandemic, analyze the results obtained from semi-structured interviews with the research group and, finally, propose solutions using technology in a new university extension course. As a theoretical reference we cite Ana Mae Barbosa (2001), Fernando Hernandez, Saviani (1996) as essential for our research.

Keywords: Visual Arts; Education; Pandemic 2020

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta discussões sobre o processo ensino aprendizagem nas aulas de artes visuais, no ano 2020 e as possíveis consequências em futuras políticas educacionais. Apontamos ainda, reflexões sob o olhar docente das dificuldades enfrentadas no processo ensino aprendizagem, entender as tensões vivenciadas pelos professores nas aulas remotas no ano de 2020 e quais eram suas perspectivas quando as aulas retornarem ao modo presencial. Para isso, foi necessário propiciar a colocar em pauta as referências teóricas e práticas do campo do ensino de artes visuais a partir das



experiências na pandemia.

Os objetivos desta pesquisa estão articulados com o problema de pesquisa que é como se deu o ensino de artes visuais no período da pandemia e suas possíveis consequências. Assim propiciar a reflexão sobre referências teóricas e práticas do campo do ensino de artes visuais a partir das experiências na pandemia, analisar os resultados obtidos a partir das entrevistas semiestruturadas com o grupo de pesquisa e por fim, propor soluções com uso de tecnologia em um novo curso de extensão nesta licenciatura é nosso foco. Nosso referencial teórico, circula por autores contemporâneos e clássicos que discutem e auxiliam nas reflexões pleiteadas pela pesquisa e para isto usaremos (SEVERINO, 2014) como principais autores desta discussão teórica: Mae Barbosa (2011), Fernando Hernandez (2000), Daniele Farfus (2012) e Saviani (1996).

Entendemos a importância de refletir sobre experiência individual a partir do olhar de quem ensinou artes nesse novo ambiente escolar. Tal contribuição vai além do contexto pandemia e permite que se formate como a escola se adapta a novos métodos. Justificamos nossa análise bibliográfica a base de Severino (2014) que aponta que esta deve ser realizada paulatinamente, tornando-se por sua vez foi enriquecedora, pois nestes usamos pesquisas, dados, documentos materiais. Nosso referencial teórico, circula por autores contemporâneos e clássicos que discutem e auxiliam nas reflexões pleiteadas pela pesquisa e para isto usaremos (SEVERINO, 2014) como principais autores desta discussão teórica: Mae Barbosa (2011), Fernando Hernandez (2000) e Saviani (1996).

COVID 19: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Em 31 de dezembro de 2019, A OMS (organização Mundial de Saúde) foi alertada sobre uma pneumonia que atingia, então, a cidade de Wuah na província de Hubei, China. Na semana seguinte autoridades já afirmavam ter 7 tipos diferentes de coronavírus em circulação. Mas somente 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou surto da variante covid-19. E por fim em 11 março 2020, a OMS apresenta a pandemia.

A OMS entende que a prevenção contra a infecção era e ainda são medidas de distanciamento social, proteção individual (máscaras), e higiene (lavar as mãos corretamente e uso de álcool em gel) entre outros. Desde o início da pandemia o mundo e seus costumes mudaram rapidamente e drasticamente, toda a população mostrou-se hipervigilante e paranoico com consequências imensas nas escolas, especialmente a relação professor-família-escola.

Com este quadro apresentado, em março de 2020 a Secretaria Estadual de Educação do Paraná antecipou as férias escolares e recesso, e em seguida retomou o calendário letivo por meio do ensino remoto. As aulas passaram a ser a distância com auxílio de plataformas tecnológicas de educação, televisão, telefone e papel.

De acordo com a Secretaria de Educação do Paraná na Orientação Conjunta nº 12, de 11 de dezembro de 2020, as atividades do ensino remoto foram desenvolvidas pelo corpo docente regular, com o objetivo de manter e preservar a função do educador presente e a continuidade do processo pedagógico. Ou seja, os profissionais que atuavam



na rede, além das habilidades requeridas para a docência, repentinamente tiveram que desenvolver competências de tutor do ensino a distância, porém, os currículos dos cursos de licenciaturas não promovem a formação em novas tecnologias, portanto os educadores não estavam habilitados para a modalidade imposta.

O Decreto mais atual que Regulamenta a Educação a Distância no Brasil o artigo 80 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que dispõe

sobre o credenciamento de instituições para oferta de cursos ou programas, na modalidade a distância, para educação básica de jovens e adultos, educação profissional de nível médio e educação superior¹ No Paraná as normas para atos regulatórios de cursos ou programas, na modalidade Educação a Distância da Educação Básica, e regras de credenciamento para funcionamento de Polos de Apoio Presencial nas instituições do Sistema Estadual de Ensino do Paraná² propõem uma mediação didático-pedagógica nos processos de ensino aprendizagem, fundamentalmente focado, na formação de pessoal qualificado nas áreas de saberes específicos. Por sua vez, ao se configurar como um ensino formal, concebido no formato digital, para as aulas remotas faz-se necessário também que o professor também tenha domínio das abordagens competentes voltadas às novas tecnologias. Porém, tal concepção e diretrizes não foram consideradas pelo governo federal no período da pandemia.

Há diferenças entre a modalidade EaD (Educação a Distância) que tem uma sistematização própria e a que foi denominada remota, que usou a metodologia do ensino presencial com algumas adaptações às plataformas digitais (conforme quadro 1) Sem respeitar as especificidades de cada metodologia, os impactos foram sentidos em todo o processo educacional. Não poderia deixar de ter reflexos no ensino de artes visuais como apontado no por Zamperetti (2021).

As estratégias de mediação que envolvem a leitura de imagens e ou de saberes artísticos, passaram a ser feitas com auxílio de recursos tecnológicos, mesmo que não houvesse preparo prévio das escolas e do corpo docente. Além da falta de acesso à tecnologia por parte dos alunos.

Pressupõe-se que a incorporação de novos recursos tecnológicos sem planejamento adequado, e diferentes métodos pedagógicos, não foi eficiente no processo de ensino aprendizagem. Considera-se que neste ciclo do ensino o educador tem um papel crucial na mediação entre o conteúdo e o aprendido, o que não foi respeitado durante o período citado. Houve uma negação do aprendizado com a educação transformada em uma mercadoria avaliada apenas em números.

Os professores sentiram a falta de formação adequada para atender a demanda. Com pouca ou nenhuma experiência, sem preparação que os instrumentalizasse para exercer o novo papel, foram obrigados de maneira imposta arbitrariamente, a participar de um processo de ensino aprendizagem inesperado, incoerente e incompleto. Pode-se observar que o período da pandemia o ensino foi marcado por imprevistos, mudanças, desinformações e falta de planejamento, fatores esses que também afetaram os alunos e suas famílias como percebemos através das repostas dadas no questionário

Entende-se que a tecnologia em si não tem o potencial de ensinar, precisa estar aliada ao fazer pedagógico, a disponibilidade de recursos pelos alunos e também a estado motivacional em que se encontram. “É importante lembrar que a tecnologia é apenas uma ferramenta no aprendizado e nunca deve conduzir o processo.” (MACHADO, 2021, p.22)



A partir da hipótese que os educadores foram obrigados a suprir sozinhos as falhas em sua formação, acompanhar orientações divergentes e incompletas da Secretaria de Educação do Paraná, contornar a falta de recursos digitais pelos alunos e ainda driblar o fator desmotivacional gerado pela pandemia é que se formulou nossa pesquisa.

Em entrevista o professor António Nóvoa aponta as melhores respostas à pandemia não vieram dos governos ou do ministério da Educação, mas antes de professores que trabalhando em conjunto, foram capazes de manter o vínculo com seus alunos para os apoiar nas aprendizagens (NÓVOA, 2020 e p.10).

Houve uma negação do aprendizado e a educação foi transformada em uma mercadoria avaliada em números.

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO: ALGUNS CONCEITOS

É fato que a educação na modalidade EAD vem se consolidando com o passar do tempo, mas mesmo assim ainda é desconhecida para muitos. Não que haja muita diferenciação, pois, o processo de aprendizagem é individual e independe da metodologia, se é presencial ou a distância. Neste momento usamos como aporte

Cagliari (1999, p. 37) “Ensinar é um ato coletivo... Aprender é um ato individual: cada um aprende segundo seu próprio metabolismo intelectual. Aprender não é repetir algo que foi ensinado, mas criar algo semelhante, a partir da iniciativa individual de quem aprende. A aprendizagem é sempre um processo construtivo na mente e nas ações do indivíduo. (GONDIN, M; 2007.p.148)

O ciclo de aprendizagem ocorre em três momentos concomitantes: quando o professor põe-se como aluno, aonde ele questiona e está aberto às novas informações para poder construir novos conhecimentos, em seguida este, então aluno, vê-se na prática com outros colegas que compartilham descobertas e experiências, e por fim, após o tempo de reflexão vem a nova visão que foi motivada pela “flexibilidade e instantaneidade” que permite que o aluno aplique de maneira quase que imediata o que está aprendendo.

O tutor/professor deve ter em mente as principais correntes pedagógicas e qual é a adotada pela instituição a qual presta serviço para desenvolver sua função adequadamente. O processo de ensino - aprendizagem passa por um caminho, e cabe ao tutor/professor melhor percorrê-lo da melhor forma possível. Ou seja: “Utilizar a tecnologia como uma aliada, o que na Educação a Distância significa a necessidade de aplicar uma organização pedagógica que se adeque a proposta do curso e que esteja de acordo com o perfil de seus alunos” (BORDINHÃO, 2018, p.22).

Pode-se entender que a educação sempre foi tratada a partir de concepções pedagógicas que sofrem influência da comunidade, do meio e também diversas de correntes pedagógicas. Para facilitar o entendimento, os teóricos as dividem entre liberais e progressistas. A pedagogia liberal acredita que a escola tem a função de preparar os indivíduos para desempenhar papéis sociais, baseadas nas aptidões individuais. E ainda são subdivididas em Tradicional, Renovada, Renovada não-diretiva e Tecnicista.

Na concepção Tradicional, a escola tem o objetivo de transmitir padrões,



normas e modelos dominantes, por isto os conteúdos são separados da realidade social e da capacidade cognitiva dos alunos, sendo impostos como verdade absoluta e apenas o professor tem razão. Na concepção Renovada, a educação escolar é vista com o objetivo do aluno aprender e construir conhecimento, considerando as fases do seu desenvolvimento o que leva a proposta metodológica a se caracterizar por experimentos e pesquisas. O professor passa a atender as necessidades dos alunos. Já na denominada Renovada não-diretiva, os conteúdos passam a ter significação pessoal respeitando os interesses e a motivação dos alunos, com atividades de sensibilidade e comunicação interpessoal com ênfase em trabalho em grupos e a relação do professor com o aluno se torna marcada pela afetividade.

Enquanto as tendências pedagógicas progressistas analisam de forma crítica as realidades sociais, cuja educação possibilita a compreensão da realidade histórico-social, explicando o papel do sujeito como um ser que constrói sua realidade. Ela assume um caráter pedagógico e político ao mesmo tempo. E esta, para facilitar o entendimento é dividida em três tendências que pode ser entendida como Libertadora, Libertária e Crítico-Social.

A Libertadora que entende o papel da educação como ser o de conscientizar para transformar a realidade. Neste sentido os conteúdos são extraídos da prática social dos alunos e os trabalhos em grupo são valorizados e a relação professor e aluno é horizontal e ambos fazem parte do processo educativo. Na Libertária, entende-se que a consciência política resulta em conquistas sociais e assim os conteúdos enfatizam as lutas sociais e a metodologia está relacionada com a vivência grupal. Neste modelo, o professor é um orientador do grupo sem impor ideias ou convicções. Na classificação Crítico-social dos conteúdos, a escola é vista com a tarefa de garantir a apropriação crítica do conhecimento e torná-la uma arma de luta importante, com ênfase na apropriação do saber pela classe trabalhadora. Adota o método dialético, visto como confronto entre as experiências pessoais e o conteúdo transmitido pela escola, assim o educando participa com suas experiências e o professor com sua visão de realidade. No prefácio do livro *O trabalho Pedagógico Nas Disciplinas Escolares: Contribuições a partir dos Fundamentos da Pedagogia Histórico-crítica*, os autores explanam qual deve ser função do professor na educação:

Significa compreender que o papel fundamental da escola pública é a transmissão de conteúdos científicos, filosóficos e artísticos em sua forma mais rica e sistematizada, a todos os alunos que a frequentam.

Significa compreender a transmissão de conhecimentos não como uma ação estanque e mecânica sem participação do aluno no processo ensino e aprendizagem, mas sim, que o professor deve ser um profissional devidamente formado e o principal responsável pela organização, planejamento e transmissão intencional de conceitos elaborados para os alunos. Significa que o professor é o profissional que tem como principal responsabilidade ENSINAR. É ele o responsável pelo ensino de conteúdos historicamente elaborados e acumulados pela humanidade de forma didática a seus alunos. E isso não tem nada a ver com autoritarismo ou centralização, mas sim, com a defesa da importância do papel do professor e sua real função dentro do espaço escolar. (PAGNONCELI, MALANCHEN, MATOS, 2016, p.15)

Entender como ocorre o processo de aprendizagem é necessário para que se esteja



apto a romper com paradigmas cristalizados. Reinventar-se deve estar entre as habilidades do professor, seja ele atuando presencialmente ou virtualmente. No momento em que falamos sobre habilidade e competências, o capital intelectual é o objeto a ser estudado. Com essa premissa na gestão de conhecimento, estes devem ser subdivididos em tácito (pessoal) e o explícito (domínio de todos). O que fazer então com este conhecimento? Segundo Farfus:

[...] 1. organizar e dirigir situações de aprendizagem. 2 Administrar a progressão das aprendizagens. 3 Conceber e fazer evoluir dispositivos de diferenciação. 4 Envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho. 5 Trabalhar em equipe. 6 Participar da administração da escola. 7 Informar e envolver os pais. 8 Utilizar novas tecnologias. 9 Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão. 10 Administrar sua própria formação contínua (FARFUS, ,2012, p.85).

Autonomia do aluno, interdependência social são palavras de ordem para criar o novo cidadão apto ao mercado de trabalho. Neste momento lembramo-nos de várias experiências em que o conhecimento precisou transformar-se para adequar-se a uma necessidade.

Paulo Freire, tão frequentemente citado a partir de suas primeiras experiências no Rio Grande do Norte em 1963, quando ensinou 300 alunos adultos a escrever em 45 dias e que originou seu método de alfabetização de adultos, método conhecido como “do tijolo a luta”, pois aconteceu no interior de um canteiro de construção, se torna um marco por mostrar que os métodos de ensinar podem ser diferentes dependendo do público.

Neste sentido, Paulo Freire também pode ser útil na assimilação das competências necessárias para o tutor à distância. Ele deve se apropriar da tecnologia, e ao mesmo tempo utilizar esta tecnologia como ferramenta de ensino e de aprendizagem para conquistar os alunos.

A autora Daniele Farfus em seu livro: “Espaços educativos: Um olhar pedagógico” trata de horizontes na educação bem significantes para esta abordagem. Ela trata dos quatro pilares da educação consolidado pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, neste, Jacques Delors apontou que a educação deve ser sustentada por quatro pilares. Aprender a conhecer, isto é, entender que todas as vivências são possibilidades de conhecer; aprender a fazer, isto acontece quando o conhecimento torna-se prática; aprender a conviver, isto se dá quando entendemos que em uma sociedade todos se interconectam, produzindo em longo prazo um respeito duradouro; e por fim, aprender a ser, neste momento elencamos outros pilares do conhecimento: ser capaz de elaborar conhecimento crítico, formular juízos de valor, decididos com liberdade e conhecimento, entrar em contato com a criatividade

Neste momento devemos nos posicionar como Baudelaire (Charles Pierre Baudelaire foi um poeta boêmio, dandy, flâneur e teórico da arte francesa. É considerado um dos precursores do simbolismo e reconhecido internacionalmente como o fundador da tradição moderna em poesia, juntamente com Walt Whitman, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas.) nos colocando diante da vitrine do café e ver a movimentação social para só então podermos interferir e perceber que “que a



angústia está ligada intrinsecamente às mudanças contínuas e rápidas que foram acontecendo no decorrer do tempo histórico a partir do século XIX” (SENE,2011,p.105) Ao mesmo tempo é preciso entender o que esta relação, assim como a escola, deve apropriar-se de conhecimentos e saberes da comunidade ao mesmo tempo que a comunidade pode se utilizar da pedagogia.

Não é novidade nenhuma que a escola deve dialogar com aspectos socioculturais aonde está inserida e que o estudante precisa dialogar com sua própria cultura e com a dos outros e com o conhecimento historicamente acumulado. Mas se a principal característica do EAD é a distância geográfica entre professor e aluno, propiciar que aconteça esse diálogo, essencial para o ensino, é o papel do tutor educador. Cabe a ele contribuir com um novo olhar, e acima de tudo, propor soluções para estudantes e gestores visando que esta modalidade seja um avanço para o sistema educacional.

De maneira mais específica a EaD tem como marco de seu surgimento com “um novo método de ensinar a distância foi o anúncio das aulas por correspondência ministradas por Caleb Philips (20 de março de 1728, na Gazette de Boston, EUA)” (LITTO, FORMIGA, MACIEL, NUNES; 2014, p.19)

Um século depois o Skerry’s College ofereceu cursos preparatórios para concursos públicos, assim vários países usaram a tecnologia com o mesmo propósito até 1930. Mas só a partir de 1960 é que a Ead tem impulso enquanto educação, atingindo índices de mais de 80 países em 2014 usando desta tecnologia. Enquanto no Brasil

A história da EAD no Brasil pode ser dividida em três momentos: inicial, intermediário e outro mais moderno. Na fase inicial, os aspectos positivos ficam por conta das Escolas Internacionais (1904), que representam o ponto de partida de tudo, seguindo-se a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (1923)[...] Já na fase mais moderna não podemos deixar de registrar três organizações que influenciaram de maneira decisiva a história: a ABT (Associação Brasileira de Teleducação, 1971, que o governo federal credenciou para ministrar “cursos de pós-graduação lato sensu de maneira não convencional, através de ensino tutorial”), o Ipae (Instituto de Pesquisas e Administração da Educação, fundada em 1973) e a Abed (A Associação Brasileira de Educação a Distância é uma sociedade científica, sem fins lucrativos, voltada para o desenvolvimento da educação aberta, flexível e a distância, fundada em 21 de junho de 1995)(LITTO, FORMIGA, MACIEL, MOREIRA; 2014, p.27,28)

A primeira legislação que trata da modalidade é a LDB, data de 1961, porém, em 1996 constitui-se a nova LDB e, então, a EaD passou a ser possível em todos os níveis. Novamente percebemos uma vontade gigantesca de evolução, mas esbarramos no entrave da legislação conforme apontado pelo professor João Roberto Moreira Alves

temos uma Constituição Federal ótima em termos de educação; a LDB é boa, eis que permite, dentre outras vantagens, a liberdade dos projetos pedagógicos. O grande problema ocorre com os atos normativos inferiores: os decretos não são bons; as portarias, em grande parte, são ruins; e há resoluções e pareceres desesperadores. (Idem, p.29)

Obviamente temos pontos positivos na EaD. Enquanto no período Renascentista era comum os estudantes viajarem pela Europa para estudar com mestres em países distantes, hoje é possível fazer tais estudos sem sair de casa. O Brasil vive, por sua vez,



simultaneamente, o impacto de três diferentes ‘ondas’ econômicas, cada uma com consequências variadas para a EaD: a agrícola (com pessoas com pouco ou sem acesso a rede), a industrial (para a qual cursos por rádio e televisão são apropriados) e a tecnologia da informação (cursos via Web são os mais indicados). Isto indica que, temos grandes expectativas quando se trata de novas formas de ensinar e aprender e que isto impactará diretamente na vida dos estudantes da classe trabalhadora

Ensino Remoto

Com o advento da pandemia, o Estado e a rede particular exigiu que docentes assumissem o processo de planejamento, criação, adaptação dos planos de ensino, o desenvolvimento de cada aula e a aplicação de estratégias pedagógicas online.

A pandemia impulsionou, de forma emergencial, a transposição da modalidade presencial para a remota, assim como a aplicação de tecnologias *online* para promover a comunicação e integração dos aprendentes e ensinantes. Sendo possível transformar as aulas tradicionais em aulas inovadoras com maior interação e utilização de atividades práticas, mesmo na modalidade remota (GRANDO; FREIRE, 2021; p.75)

É claro que cabe ao professor uma mudança de postura para conseguir fazer as adequações metodológicas

os processos pedagógicos de ensino e aprendizagem deverão migrar de uma pedagogia tradicional passiva, focada no professor, para uma pedagogia digital, baseada em métodos e técnicas de aprendizagem ativa, tais como salas de aulas invertidas, aprendizagem baseada em desafios, em projetos e em resolução de problemas, focada no estudante. De fato, a educação digital requer uma mudança de processos pedagógicos de ensino e aprendizagem e de novos modelos acadêmicos de interação estudante professor. Em relação à questão social, o fator crítico de sucesso mais relevante considerado pela educação digital é a coprodução, isto é, a capacidade que as universidades têm de coproduzir, de se relacionar proficuamente com múltiplos *stakeholders* em seu ecossistema de geração de valor. De fato, a educação digital requer uma mudança de perspectiva socioinstitucional, de uma instituição focada para dentro, na perspectiva da eficiência e da eficácia organizacional, para uma instituição focada na sociedade, na perspectiva da efetividade e da relevância organizacional (MACHADO, FIALHO, 2021, p.93)

Certamente houve uma ruptura de paradigmas

Conforme Moran (2015), as tecnologias digitais móveis desafiam as instituições a sair do ensino tradicional, em que o educador é o centro, para uma aprendizagem mais ativa e integrada, com momentos presenciais e outros com atividades a distância, mantendo vínculos pessoais e afetivos, estando juntos virtualmente. (VOLPATO, LIZ; 2021, p.103)

Ensino Híbrido

Para as autoras Laís Bueno Tonin; Cláudia Herrero Menegassi Regiane da Silva



Macuch, em seu texto *Uma Reflexão Sobre O Conceito De Ensino Híbrido Na Educação Superior* (2017)

ensino híbrido é definido como um programa de educação formal no qual um aluno aprende, pelo menos em parte, por meio de ensino *online*, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, lugar, modo e/ou ritmo do estudo, e pelo menos em parte em uma localidade física supervisionada, fora de sua residência. Os achados permitem definir que o ensino híbrido busca reunir o melhor da aprendizagem *online* baseada em tecnologia e o melhor do ensino presencial, proporcionando construção do conhecimento através de práticas pedagógicas ativas, chamadas atualmente de metodologias ativas, onde o principal objetivo é colocar o aluno como agente participativo na construção do seu conhecimento, por meio da prática (MENEGASSI e MACUCH, 2017, p.2)

Enquanto Edson Rogério Silva, em seu artigo: *O Ensino Híbrido no contexto das Escolas Públicas Brasileiras: Contribuições e Desafios*, conceitua o ensino híbrido como

[...] uma abordagem pedagógica que combina atividades presenciais e atividades realizadas por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs). Existem diferentes propostas de como combinar essas atividades, porém, na essência, a estratégia consiste em colocar o foco do processo de aprendizagem no aluno e não mais na transmissão de informação que o professor tradicionalmente realiza. De acordo com essa abordagem, o conteúdo e as instruções sobre um determinado assunto curricular não são transmitidos pelo professor em sala de aula. O aluno estuda o material em diferentes situações e ambientes, e a sala de aula passa a ser o lugar de aprender ativamente, realizando atividades de resolução de problemas ou projeto, discussões, laboratórios, entre outros, com o apoio do professor e colaborativamente com os colegas (BACICH, NETO E MELLO, 2015, p. 14)

Mas esta metodologia só atingirá resultados satisfatórios, se muito bem planejada e estruturada, antes de ser colocada em prática, para não correr o risco de que o ensino fique solto e sem objetivos claros. A autonomia e a colaboração são os efeitos mais vistos e cabe ao professor o papel de curador de conteúdo.

A escola pública sobretudo, trabalha em função de uma sociedade mais igualitária, e o que o ensino híbrido propõe é enriquecedor, mas diante das precárias estruturas, salários não condizentes, excesso de trabalho burocrático, fica claro que não é a metodologia que mais atrairá os docentes da escola pública.

Tecnologias digitais (TD)

Sobre o uso das tecnologias primeiramente percebemos que não é algo tão novo quanto imaginávamos, pois “A economia, a política e a divisão social do trabalho refletem o uso que os homens fazem das tecnologias que estão na base do sistema produtivo em diferentes épocas” (KENSKI, 2018) Com isso entendemos que desde sempre houve o uso das tecnologias. E quem detém o conhecimento destas, detém o poder. Por exemplo a linguagem, que com o domínio da mesma, o comércio se expandiu, terras foram dominadas, e acordos foram feitos.

O que é tecnologia?



É o estudo de processos técnicos de um determinado ramo de produção industrial ou de mais ramos' compreende um conjunto de regras aptas a dirigir eficazmente uma atividade qualquer técnica não se distingue em nada da arte nem da ciência nem qualquer outro processo ou operação para conseguir um efeito qualquer: o seu campo estende-se tanto quanto o das atividades humanas (KENSKI, 2018, p.24)

O teórico da educação Carl Rogers, quando desenvolveu a teoria da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) que não foi recebida com entusiasmo por seus pares, pois ela não levava em conta o ambiente educacional, somente o indivíduo. Conhecida como psicologia humanista de Rogers, fundamentada na filosofia fenomenológico-existencialista enfatiza a aprendizagem levando em consideração as relações interpessoais (GARCIA, 2021, p.74) Enquanto demais autores apontavam o aprender agora, Rogers propunha o aprender para o futuro. Em período pandêmico a tecnologia auxiliou o professor a fazer chegar o conteúdo aos estudantes, por meio de aulas remotas emergenciais. E então a abordagem de Rogers faz-se presente através de que cabe ao aluno qualificar seu aprendizado para o futuro.

E aos professores atuantes em 2020, em pleno evento ocorrido pela Pandemia do COVID-19, entender que o uso do aparelho celular que em sala de aula presencialmente, muitas vezes desgastante, de maneira quase imediata tornou-se um meio de comunicação entre aluno-professor, mantenedora-família- aluno. O professor viu-se obrigado a compreender as possibilidades que a tecnologia apresentou como meio de ensino/aprendizagem, o eixo pedagógico.

Garcia ainda aponta a necessidade de algumas condições para que a tecnologia seja aceita neste novo ambiente de aprendizagem conforme tabela abaixo:

CONDIÇÕES PARA QUE A TECNOLOGIA SEJA ACEITA NESTE NOVO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM
A primeira diz respeito ao desejo de aprender ou modificar um comportamento
A segunda condição refere-se à congruência do professor. Está relacionada com a autenticidade e a tomada de atitudes conscientes
A terceira condição para aprendizagem é a consideração positiva incondicional, que se refere à capacidade de o professor aceitar e compreender o aluno, possibilitando que ele se desenvolva em condições para o alcance da auto-realização.
A quarta condição, muito vinculada à anterior, é a compreensão empática, definida como a capacidade de captar o mundo do outro” como se fosse seu próprio mundo
A quinta e última condição é a capacidade do aluno em apreender a congruência, aceitação e empatia do professor (ROGERS, 2016, p. 327, p.75).

Para Dewey, filósofo norte-americano (1859-1952) que defendia a democracia e a liberdade de pensamento como instrumentos para a maturação emocional e intelectual das crianças, a educação possibilita a construção de uma sociedade mais reflexiva e democrática, sendo que a escola é uma projeção da sociedade em um futuro próximo (GARCIA, 2022, p.138). No artigo:O impacto da pandemia na educação: a utilização da



tecnologia como ferramenta de ensino, a autora Karolina Maria de Araújo Cordeiro, apresenta que escolha de determinado tipo de tecnologia altera todo o processo educacional, por isso ele deve ser levado em conta no planejamento, na didática e nas metodologias inseridas. Mas como fazer isso diante de tanta heterogeneidade pessoal, acadêmica, financeira que rodeiam tanto o professor quanto aos estudantes? As aulas remotas precisam urgentemente de parâmetros de qualidade, e para que estas sejam eficientes é necessário que os professores tenham condições de ampliar seu conhecimento, que haja tempo disponível para que ele se torne um curador, que utilize “prática metodológica da curadoria de conhecimento se relaciona com a pesquisa em suportes diferenciados advindos das mídias, ou seja, através de ambiências imersivas” (FOFONCA, 2021, p.3) de conteúdo e tecnologia uma, que ele tenha tempo de reflexão do seu fazer pedagógico. É importante colocar que o ensino nunca mais voltará a ser o que era antes (CORDEIRO, 2021, p.4) É necessário abordar também as questões intrínsecas quanto aos retrocessos e avanços tecnológicos. Não basta que o professor reproduza seu meio físico no digital, isso não o torna sabedor de inovações tecnológicas. Para que ele saiba como aproveitar melhor estes recursos, o professor deve ser consciente de sua posição dentro da sala de aula, seja ela física ou virtual.

Marchall McLuhan (1977), filósofo canadense de destaque nas teorias de Comunicação, diz que houve duas rupturas na história da humanidade: a escrita e o advento dos meios eletrônicos, mas para que isso tenha algum efeito benéfico a pesquisadora Daniela Melaré da Universidade Aberta de Portugal (BARROS, 2009, p.66), aponta que o professor saiba auxiliar o estudante na organização dos materiais e conteúdo para que o aprendizado seja significativo

1. Saber selecionar o site que acessa, com critérios de qualidade;
2. Saber buscar informação sobre um tema que interessa, em página da web;
3. Saber observar o texto escrito e a imagem, destacando aquelas que servem para o desenvolvimento de reflexões e simbologias sobre os temas;
4. Ter curiosidade pelas informações disponibilizadas pela internet;
5. Saber selecionar informação e organizá-las em seus arquivos pessoais;
6. Saber explorar as ferramentas que o espaço virtual possibilita;
7. Desenvolver formas de busca na internet;
8. Utilizar a internet como meio de comunicação;
9. Saber utilizar a internet como espaço de relações sociais;
10. Construir com os recursos disponibilizados no espaço virtual;
11. Fazer do computador um instrumento de trabalho;
12. Saber trabalhar em grupos nesses espaços virtuais;
13. Utilizar a web como lazer;
14. Saber gerenciar as informações do espaço virtual e suas necessidades. (GARCIA, 2022, p.87).

Cabe ao educador dar sentido ao conhecimento. Mihaly traz como definição de aprendizagem *Flow* (MORAES, 2016), que é estado quando nos sentimos completamente envolvidos no que estamos fazendo, com foco e concentração e isto desencadeia um alto desempenho. Porém, as evidências resultantes das pesquisas indicam que os profissionais da educação não foram consultados quanto a implementação do ensino remoto, não houve preparação coerente à nova metodologia e que quando houve foi feita de maneira “atropelada” sem consistência e pesquisa prévia

REFERÊNCIAS



BARBOSA, A M. **John dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001

CARBONEL; J.; PADILHA, J. S. **Pedagogias do século XXI: bases para a inovação educativa**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

FORQUIN, J-C, **Escola e cultura As Bases Sociais e Epistemológicas do Conhecimento Escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, L. G. **Possibilidades de aprendizagem e mediações do ensino com o uso das tecnologias digitais: desafios contemporâneos**. Palmas: EDUFT, 2021.

HERNANDEZ, F. **Cultura visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre, 2000.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias. O novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

LITTO, F. M. FORMIGA, MACIEL M. M; **Educação a distância - História I**. Pearson Education do Brasil Ltda, 2014.

MACHADO, A. B **Ensino híbrido: desafios e possibilidades em tempos de pandemia - COVID-19**. Bauru, SP: Gradus Editora, 2021.

ROCKELL, E, **La Escuela Cotidiana**, Fondo de Cultura Económica, México, 1995.

RODRIGUES, Neidson. **Elogio à educação**. São Paulo: Cortez, 1999

ROSSINI, A M. **As novas tecnologias da informação e a educação a distância**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas: Editores Associados, 1996